

“A PEDAGOGIA DO CATECISMO” E A “NOVA PEDAGOGIA DO CATECISMO” DO MONSENHOR ÁLVARO NEGROMONTE: LIÇÕES CATÓLICAS PASSADAS EM REVISTA

EVELYN DE ALMEIDA ORLANDO (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO).

Resumo

Este artigo tem em vista analisar em uma perspectiva histórica comparativa, uma das principais obras do Monsenhor Álvaro Negromonte: “A Pedagogia do Catecismo”. Este livro, destinado ao curso normal, tinha o objetivo de servir de orientação prática ao ensino de catecismo. Por se tratar de uma espécie de diretriz pedagógica, esse manual reflete as bases da pedagogia catequética proposta pelo autor em um contexto de renovação do ensino religioso, articuladas ao diálogo com a Psicologia e as teses escolanovistas na qual a aprendizagem ocorria através de situações concretas e dinâmicas. Tal concepção trouxe à lume um conjunto de mudanças de ordem metodológica e conceitual que sugeririam programas pautados na atividade como método de ensino, os jogos, os exercícios físicos, as excursões, as visitas aos museus e uma série de outras atividades, como recursos didáticos e auxiliares de ensino indispensáveis para a aprendizagem efetiva e, conseqüentemente, para o êxito da escola moderna. Esses enunciados foram largamente utilizados pelo religioso nesse manual, ao que associou ainda a importância da tradição como elemento fundamental para o sucesso de sua proposta. A tradição seria a responsável por manter os princípios que caracterizam a base do ensino religioso e a modernidade por adequá-los às necessidades da sociedade vigente. Publicada inicialmente em 1937, a obra foi reeditada várias vezes e em 1964, seu autor a passou em revista, o que culminou em um texto novo, entendido por ele como mais adequado para o momento, intitulado “Nova Pedagogia do Catecismo”, publicado somente em 1965, após seu falecimento. Essas duas obras constituem portanto, as principais fontes para essa análise. Esses livros, sobretudo o primeiro, serviram não só como livros didáticos destinados às normalistas, mas como livros de leitura que deveriam servir de guia e orientação para todas as suas dúvidas pedagógicas na condução da sua trajetória profissional.

Palavras-chave:

Impressos, Educação, Igreja Católica.

Os livros “A pedagogia do Catecismo” e a “Nova Pedagogia do Catecismo”, produzidos pelo Monsenhor Álvaro Negromonte foram publicados em 1937 e 1965[1], respectivamente, e marcam uma fase na História da Educação católica em que a Igreja buscou associar à tradição, elementos da modernidade como uma necessidade dos novos tempos e da sociedade vigente. Nessas obras, Negromonte se posiciona frente às questões educacionais postas em pauta pelas Escolas Novas. Este artigo tem em vista analisar em uma perspectiva histórica comparativa essas duas obras, considerando os contextos em que foram produzidas.

A produção do primeiro texto caracteriza o início dessa fase e está ancorada na necessidade eminente de renovar o ensino religioso no país. Conforme afirmativa de Dom Leme, em carta Pastoral de 1916, era necessário “reformular o catolicismo para salvar a sociedade brasileira”. E segundo Passos (1999), “os textos catequéticos mantinham, em geral, o esquema dos catecismos tradicionais. Predominava ainda um forte acento intelectual e teológico”(PASSOS, 1999: 45).

O primeiro livro analisado aqui, "A Pedagogia do Catecismo", embora tenha sido publicado pela Editora Vozes e pela Editora José Olympio, foi analisado apenas o exemplar publicado pela Editora Vozes, na sua segunda edição em 1940, por ser anterior e conter informações primárias, que são suprimidas pela edição da José Olympio. O exemplar localizado da José Olympio, era a 3ª edição da obra e havia sido revista e atualizada por levar em conta, segundo o próprio autor, "a melhora da situação catequética no Brasil nos doze anos decorridos da composição deste livro" (1950:13).

A proposta pedagógica de Álvaro Negromonte contribuiu significativamente para as discussões acerca da temática. A **Pedagogia do Catecismo** era um manual destinado ao Curso Normal e foi publicado pela Editora Vozes em 1937. Este livro, tinha o objetivo de servir de orientação prática ao ensino de catecismo. Por se tratar de uma espécie de diretriz pedagógica, põe em evidência as bases da pedagogia catequética do autor. Sua proposta de renovação articula o ensino religioso à Psicologia e à algumas das teses escolanovistas, como por exemplo, a aprendizagem através de situações concretas e dinâmicas.

Tal concepção trouxe a lume um conjunto de mudanças de ordem metodológica e conceitual que sugeriam programas pautados na atividade como método de ensino e os jogos, os exercícios físicos, as excursões, as visitas a museus e uma série de outras atividades, como recursos didáticos e auxiliares de ensino indispensáveis para a aprendizagem efetiva e, conseqüentemente, para o êxito da escola moderna. Esses enunciados foram incorporados e largamente utilizados pelo padre nesse manual, ao que associou ainda a importância da tradição como elemento fundamental para o sucesso da sua proposta. A tradição seria a responsável por manter os princípios que caracterizam a base do ensino religioso e, a modernidade, por adequá-los às necessidades da sociedade vigente.

Publicada inicialmente em 1937, a obra foi reeditada algumas vezes e, em 1964, Negromonte concluiu sua "Nova Pedagogia do Catecismo", um marco que encerra uma fase na história da educação católica.

Este texto, visava substituir a "Pedagogia do Catecismo", então esgotado, mas com o mesmo objetivo, segundo a editora, de "ser utilizado na formação e no desenvolvimento dos catequistas brasileiros". Mais uma vez, Negromonte publica um texto que segundo a editora "há de marcar época na renovação da literatura pedagógica e didática do catecismo em nosso meio".

Essas duas obras constituem portanto, as principais fontes para essa análise. Esses livros, sobretudo o primeiro, serviram não só como livros didáticos destinados às normalistas, mas como livros de leitura que deveriam servir de guia e orientação para todas as suas dúvidas pedagógicas na condução da sua trajetória profissional.

Um texto passado a limpo?

A "Pedagogia do Catecismo" foi produzida por Negromonte em um contexto de reformas educacionais empreendidas por educadores comprometidos com os ideais da Escola Nova. Em que pesem as especificidades de cada reforma e dos diferentes grupos envolvidos em cada uma delas, esse texto trazia a proposta de uma educação pautada no método ativo, ponto de convergência em todos eles. O

diálogo com a Psicologia e a tese de que a aprendizagem ocorria de fato através de situações concretas e dinâmicas trouxe a lume um conjunto de mudanças de ordem metodológicas e conceituais que sugeriam programas pautados na atividade como método de ensino e os jogos, os exercícios físicos, as excursões, as visitas a museus e uma série de outras atividades, como recursos didáticos e auxiliares de ensino indispensáveis para a aprendizagem efetiva e, conseqüentemente, para o êxito da escola moderna. A estratégia utilizada pelos "pioneiros", de reforçar essa imagem cinética da educação para demarcar as fronteiras com o ensino denominado tradicional, não encontrou êxito na prática pedagógica proposta pelo autor da **Pedagogia do Catecismo**.

A proposta pedagógica de Negromonte estava atenta a todas essas discussões e aos resultados que vinham sendo produzidos no campo da Psicologia da Educação. Em face à eficiência dos novos métodos, o padre não se absteve de inseri-los na sua Pedagogia, assim como não se absteve de fazer a sua leitura das Escolas Novas, traduzindo-as, neste modelo proposto, para as aulas de religião, mais adequadas às circunstâncias modernas que envolviam a sociedade brasileira no final da década de 30, do século XX. O projeto catequético modernizador do padre Negromonte associa tradição e modernidade como elementos fundamentais para o sucesso da proposta. A tradição é a responsável por manter a raiz, os princípios que caracterizam a base do ensino religioso e, a modernidade, por adequá-los às necessidades da sociedade vigente.

Como, portanto, estabelecer um diálogo, entre essas duas instâncias, em uma sociedade que se organizava sob o paradigma do novo, sobretudo um novo como símbolo de progresso e civilização? Peter Burke (2006) nos oferece alguns elementos importantes para se pensar um pouco sobre essa questão. Na perspectiva que envolve esse trabalho, o primeiro ponto seria considerar que "muitas vezes o que acontece é menos invenção do que reconstrução de uma tradição" (BURKE, 2006: 22).

A leitura das novas técnicas educacionais pelos educadores brasileiros do século XX visava contribuir para o desenvolvimento de uma nova sociedade republicana, ancorada nos padrões civilizatórios europeus, que tinha o higienismo como preocupação central para sanar as mazelas que assolavam a vida urbana, preocupação que já norteava os debates entre médicos e engenheiros desde o dezenove. A novidade estava em fazer uma leitura de uma perspectiva educacional que se constituiu em uma tradição no pensamento pedagógico europeu e norte-americano desde o século XIX, e que se transformou em um símbolo da modernidade. As discussões sobre educação no cenário internacional não apontavam para a dicotomia tradição x modernidade. Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, com todas as ressalvas para a singularidade das várias propostas de modelos educacionais, parecia haver um consenso sobre o êxito de uma pedagogia voltada para a observação, investigação, para a experiência pessoal do aluno com as situações de ensino e aprendizagem, que o faziam protagonista desse processo e asseguravam o seu interesse e envolvimento com as práticas escolares.

A questão que se colocava era: como fazer essa leitura sem perder de vista os elementos da tradição cultural brasileira? A presença do grupo católico nesse debate aponta para duas perspectivas: a possibilidade de diálogo entre tradição cultural e a modernidade; a segunda perspectiva faz parte de uma discussão proposta por Peter Burke em uma conferência sobre **Cultura, Tradição e Educação**, realizada em 2006, no Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, no qual ele aponta, pelo menos, dois movimentos relacionados à tradição que interessam a este trabalho: o primeiro afirma que "a ilusão de continuidade pode esconder inovações e rupturas" , o que ilustra bem o papel da Igreja no Brasil ao participar dos debates acerca do novo modelo de Pedagogia; O

segundo movimento diz respeito a uma tradição de inovações, que se caracteriza pelo conjunto de reformas e revoluções em busca do novo, alastrando-se em tal proporção que acaba originando uma tradição, a tradição da busca por algo novo.

Em relação ao primeiro movimento, vê-se a Igreja Católica não só participando dos debates educacionais acerca da Nova Pedagogia e das escolas Novas como também utilizando largamente as novas técnicas educacionais nas escolas, nas paróquias e nos impressos. A mudança de foco nas aulas de catecismo e no material pedagógico dessas aulas por um agente do corpo eclesiástico considerado por quem o conheceu como um sujeito conservador aponta para inovações e rupturas de uma instituição que não são percebidas nem evidenciadas por estarem inseridas nos limites de uma tradição. As práticas eclesiásticas só são percebidas na ilusão da continuidade.

No caso do grupo católico, até que ponto a caracterização desse grupo de forma relacionada à tradição no sentido mais estrito do termo é pertinente? Se, por um lado, o fluxo da história remete a pensar em tal grupo como representante e defensor de uma sólida tradição, por outro lado, não seria menos tradicional se aderisse por completo à nova tradição, que se constituiu símbolo de progresso e modernidade e que se auto-representou como o caminho mais adequado para o desenvolvimento do processo civilizador. O que recai no segundo movimento proposto por Burke. A tradição adquiriu, ao longo dos tempos, os contornos próprios da época, que não permite pensar no conceito como simples e pura transmissão de saberes sob as mesmas formas rígidas e estruturadas. Sob os signos culturais que fundamentam uma sociedade, a educação assume a função de transmissão da cultura, o que torna o conceito de tradição fundamental para a compreensão dos processos vividos pelos homens. Como os processos sociais não ocorrem dentro de estruturas rígidas, para a efetiva contribuição do conceito, é necessário que este adote a mesma flexibilidade. Conforme Burke,

precisamos do conceito de tradição, mas não do conceito tradicional de tradição, isto é, da transmissão de uma mensagem (num sentido amplo da palavra) sem mudanças. Depois da descoberta da importância da recepção livre e criativa precisamos de um conceito de tradição mais flexível, mais fluido [...] A tradição consegue incorporar novas experiências. Porém, além de um certo ponto, a ordem cultural não pode incorporar mais nada sem mudar ela mesma. Essa relação dialética entre estrutura e novidade, ou, podemos dizer, entre ordem e progresso, pode servir ao menos como um ponto de embarque para repensar as noções de tradição, de cultura e de educação (2006: 22)

Posta a necessidade de se utilizar os conceitos, tendo em vista a flexibilidade que os mesmos assumem diante dos objetos que lhe confrontam, este trabalho compreende o conjunto de práticas dos católicos como estratégias de um grupo que consegue se adaptar às necessidades que vão se tornando imperativas na vida social, e se renova diante delas sem perder de vista os elementos da tradição que o compõem.

Do ponto de vista histórico, o catecismo vinha sendo ensinado de maneira isolada e conteudista, ocasionando um forte desinteresse e, conseqüentemente, um afastamento maciço das crianças. O padre Álvaro Negromonte, convencido de que a pedagogia ativa era a mais eficiente, desconstruiu a estrutura anterior das aulas de religião e propôs uma inversão metodológica baseada nos princípios da Escola Nova, com ênfase na psicologia experimental, introduzindo assim, um movimento de renovação catequética no interior da Igreja. Na falta de livros que orientassem

os professores nessa direção, o padre assumiu a responsabilidade de publicar uma coleção didática para cada série escolar, estimulando a administração de pequenas porções da doutrina católica desde a infância até a juventude. Dessa forma, adotou, para as aulas de catecismo, uma nova estrutura desenvolvida sistematicamente com base em um programa organizado, que colocava a criança no centro do seu interesse, atentando para as suas motivações e capacidades. A "Pedagogia do Catecismo" visava ensinar às professoras os novos moldes em que deveriam estar assentadas as aulas de catecismo, considerando as contribuições das Escolas Novas.

A obra foi sistematizada em três capítulos, que se desdobra: na finalidade do catecismo, na pessoa do catequista e nos meios empregados para alcançar esse fim, no qual ele aborda, de forma mais minuciosa, os métodos sugeridos para cada lição e faixa etária.

O primeiro capítulo da **Pedagogia do Catecismo** trata, fundamentalmente, da necessidade de se ensinar o catecismo nos vários ambientes da sociedade, para corrigir os desvios trazidos pela modernidade. A escola é o ambiente onde se sente mais forte a crítica do padre pela ausência do ensino religioso. "Onde a escola é sem Deus o alfabeto é arma de Satanás para a proliferação do crime [...] A escola sem catecismo falhou. É uma sementeira do mal" (NEGROMONTE, 1940: 20).

O laicismo era considerado por ele, o falso remédio dos educadores leigos, os quais, ao verem a decadência moral alastrar-se, apesar da multiplicação das escolas, tentaram corrigir o problema, ainda desassociado de Deus, criando a cadeira de "Moral e Cívica". Para Negromonte, a criminalidade teve seu agravante nos casos que envolveram meninos e meninas, para ele um reforço do mau exemplo da co-educação. A instrução, aliada à educação religiosa, seria a receita prescrita pelo padre para garantir a formação integral do indivíduo e resolver os problemas da sociedade. Essa prescrição justificava não só a necessidade, mas a importância da obra em questão. A máxima de Pio X, na Encíclica *Acerbo Nimis* (1905), "é necessário que haja catecismo e que o haja de forma organizada e eficiente", legitimava a iniciativa de introduzir no ensino religioso uma nova roupagem para que este ocupasse um novo espaço na sociedade, a começar da formação moral dos indivíduos.

Todo o processo formativo catequético em questão tinha em vista a construção de um indivíduo que, sem perder de vista seu fim último, como parte de uma sociedade era um construto para intervir no coletivo através da sua singularidade. Para o padre, indivíduos fortes gerariam uma sociedade forte, na qual se pretendia uma maior coesão católica. Todas as suas diretrizes seguem no sentido de formar esse indivíduo e, conseqüente e concomitantemente, essa sociedade.

Nessa direção, a educação moral teria um papel fundamental no catecismo e deveria começar a partir da formação da vontade da criança, através da formação de convicções com raízes profundas e sólidas na inteligência. Além da formação de um sentimento forte, enérgico, capaz de orientar e corrigir as paixões. Negromonte, ancora muitas vezes, essa proposta ao conceito de educação funcional de Claparède (1973).

O segundo capítulo é destinado ao catequista, sua formação, seu trabalho, suas responsabilidades. A catequista, como ele se refere, deve ensinar o catecismo às crianças em uma linguagem apropriada. Para isso, é necessária uma preparação maior, assim como o emprego de métodos modernos mais aperfeiçoados, a fim de não se ficar em condições de inferioridade. Sendo algo ilusório esperar, no catecismo paroquial, a maioria das crianças da paróquia, o ensino religioso nas

escolas se faz muito mais proveitoso e a função da catequista é associada à da professora.

A sistematização do ensino religioso conta com as sugestões do padre em relação aos programas e aos métodos. Os métodos deveriam associar o eterno com o novo e fazer uso dos modernos processos de ensino que consistiam, basicamente, em ensinar fazendo viver a doutrina. O método ativo transformava-se em um aliado, não permitindo aos programas o desnivelamento, encerrando no ano o que ele comporta, evitando, assim, repetições demasiadas que se tornam cansativas.

Além da formação intelectual, a formação moral era fundamental para a catequista. A força do exemplo tinha em vista não permitir que o discurso da catequista não correspondesse a sua prática. Tais doutrinas e exigências estimulavam um processo de auto-regulação também nas professoras, que não deveriam só ensinar os seus alunos a regular e controlarem suas pulsões; antes de qualquer coisa, deveriam controlar a si mesmas, as suas próprias paixões e regular suas vidas pelo código comportamental que ensinavam. Esse controle dos impulsos afetivos ou das ações cotidianas podem ser vistos como define Elias (1994), uma espécie de refinamento de *habitus* que consiste no motor da civilização, almejada também pela Igreja como uma forma de configuração da sociedade. Para Negromonte, o regulamento da vida serve para metodizar a existência, disciplinar a vontade e, conseqüentemente, sobrenaturalizar os atos. A meditação, o exame de consciência, a leitura espiritual, a confissão frequente, a comunhão e a missa eram exemplos de práticas que acentuavam a formação desse *habitus*.

O terceiro capítulo compreende quase dois terços da obra. O método é a chave da sua proposta renovadora. Essa ênfase metodológica, influenciada pelas pedagogias ativas, tornou-se a base da renovação catequética. Tal inovação tinha em vista o aumento da frequência nas aulas de catecismos, através de um ensino mais atrativo e interessante, adaptado à linguagem da criança e às suas motivações.

Era necessário além de conquistar a frequência, garantir a sua manutenção. A atenção foi considerada ponto vital para o aproveitamento dos alunos. A conquista da atenção do aluno poderia surgir de motivações interiores, unidas à satisfação das tendências naturais, tendo em vista a satisfação imediata dos seus desejos. Os jogos, tão valorizados pelos educadores escolanovistas, passaram a ser estimulados na educação catequética e adquiriram um importante papel funcional associado ao conceito de esforço. A formação da vontade, desde os primeiros dias, respeitando a capacidade infantil, ao ser estimulada resultaria, para Negromonte, em um esforço que iria crescendo com a idade.

A disciplina, ponto fundamental para os educadores católicos de uma forma geral, contestada pelos escolanovistas leigos, deveria ser trabalhada a partir da compreensão dos regulamentos, das ordens, das proibições. As sanções mostram, por fatos concretos, através de recompensas (prêmios) ou punições (castigos), o que é bom ou mau, encorajando no cumprimento do dever e auxiliando na correção dos defeitos com a mesma objetividade formativa, o que lembra a teoria behaviorista do estímulo/resposta e do reforço positivo.

Dentre os recursos pedagógicos recomendados figuram ainda os quadros murais, os álbuns, as projeções luminosas, o quadro-negro, mapas, dísticos. Outros auxiliares de ensino recomendados vivamente foram: os museus, as excursões, os deveres escritos, e os jogos, os trabalhos manuais, as dramatizações, a música, dentre outros.

O segundo livro, objeto deste artigo, a "Nova Pedagogia do Catecismo", publicado em 1965, à primeira vista, parece uma revisão do seu antecessor publicado em 1937. Porém, mais do que uma revisão, é um texto novo. Se por um lado, Negromonte mantém um título que remete a memória do primeiro e sua marca monumental no campo religioso, por outro ele anuncia uma nova fase para o ensino religioso. Em que pesem as especificidades de cada obra, seu autor mais uma vez demarca seu espaço no cenário educacional brasileiro.

Mais voltado para a formação religiosa geral, desde o índice, o autor evidencia o enfoque que pretende dar ao trabalho. Ele divide esse texto em cinco partes: A catequese, proporções da catequese, o catequista, a aula, organização da catequese. De uma maneira geral, o conteúdo não se diferencia do primeiro livro. Não obstante a ênfase em alguns pontos como "a pessoa do catequista" é consideravelmente suprimido. Com 160 páginas, esse novo texto é efetivamente mais escurto que o primeiro que apresentava 332 páginas. A parte destinada ao catequista, desenvolvida em 75 páginas, neste último, Negromonte destina apenas 24 páginas divididas em dois tópicos: a missão do catequista e a formação do catequista. Esses dois itens sintetizam os principais pontos levantados também no primeiro livro quanto ao catequista: 1º) era um chamado de Deus que todos devem atender; 2º) era necessário ter formação doutrinária, espiritual e pedagógica para exercer essa missão com maior chance de êxito.

A pouca ênfase dada aos pormenores pedagógicos são indícios de que as discussões acerca das ciências da educação já não eram mais a tônica dos debates educacionais da década de 60. Não obstante, no discurso que se propõe "novo", Negromonte retomou vários enunciados escolanovistas como a aprendizagem pelo interesse, a importância da motivação, do jogo, da educação funcional. O diálogo estabelecido, sobretudo com Claparède, aparece mais uma vez na "Nova Pedagogia do Catecismo", mas de uma forma mais fluida.

Não há no discurso do padre nesse segundo texto a preocupação de mostrar o diálogo com as propostas das Escolas Novas, muito embora esse diálogo esteja posto no corpo do texto. Por outro lado, também não há a preocupação de convencer da necessidade de renovar o ensino religioso, de mudar as suas feições e torná-lo mais atraente, menos conteudista e enciclopédico, muito embora isso também esteja presente no texto quando ele trata da organização das aulas e da catequese.

A "Nova Pedagogia do Catecismo" apesar de ser considerada pela editora como uma obra que marca a renovação da literatura pedagógica e didática católica, não alcança o caráter monumental que o texto anterior alcançou. Do ponto de vista didático, nela o autor não evidencia a preocupação de ensinar as minúcias da nova pedagogia e sim, reforçar o que a Pedagogia Católica entendia, até aquele momento, como projeto pedagógico para o ensino de catecismo. Logo após a sua publicação, chegaria ao fim o Concílio Vaticano II, sem um texto de catecismo resultante, mas muitos direcionamentos que não colocavam acento na questão metodológica. O "como fazer a catequese" deu origem a uma nova fase do ensino religioso voltada "para que fazer a catequese", chamada fase antropológica.

De fato, essa última obra do Monsenhor Álvaro Negromonte marca um momento na literatura católica. Ela marca o fim de uma fase caracterizada na História da catequese pelas preocupações didáticas e técnicas mais eficientes para o ensino do catecismo em detrimento de uma nova fase antropológica, a qual reflete uma preocupação de organizar o anúncio do Evangelho em função do sujeito, buscando com isso recuperar o valor do homem e da história, o envolvimento mais explícito do fiel na construção do reino presente e a integração entre fé e vida. (BOLLIN &

GASPARIN, 1998: 241). Curiosamente, todas essas proposições estavam presentes nas obras de Negromonte desde a década de 30. Esse dado permite inferir que o movimento de crítica que se organizou em torno dos saberes especializados e técnicos foi incorporado também pelos pedagogistas católicos, revelando assim os contornos de um outro diálogo que se estabeleceu em torno das questões educacionais a partir da década de 60 do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, Arcebispo Metropolitano de Olinda, saudando os seus diocesanos. Rio de Janeiro/Petrópolis: Tipografia Vozes de Petrópolis, 1916.

Encíclica *Acerbo Nimis*. Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa Pio X sobre o Ensino de Catecismo em 15 de abril de 1905. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1946.

BOLLIN, Antônio; GASPARINI, Francesco. **A catequese na vida da Igreja:** notas de história. São Paulo: Paulinas, 1998.

BURKE, Peter. Cultura, tradição, educação. In: GATTI Jr., Décio; PINTASSILGO, Joaquim (org.) **Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação.** Uberlândia: EDUFU, 2007, p.13-22

ELIAS, Norbert. Sociedade de Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora,

_____ . Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.

NEGROMONTE, Álvaro. A Pedagogia do Catecismo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1940.

_____ . A Pedagogia do Catecismo. Rio de Janeiro: José Olimpyo, 1950.

_____ . **Nova Pedagogia do Catecismo.** Rio de Janeiro: edições Rumo, 1965.

PASSOS, Mauro. **A Pedagogia catequética e a educação na primeira República (1889-1930).** Universitá Pontificia Salesiana/U.P.S: Itália, 1998. (Tese de Doutorado).

PIERINI, Franco. Catecismo do Concílio Vaticano II. Rio Grande do Sul: Edições Paulinas, s/d.

[1] Este último publicado após sua morte.